

CONY

Carlos Heitor

Quinze anos
(A juventude
como ela é)



Cliente: Editora Nova Fronteira (grupo Ediouro)

Produto: Série Carlos Heitor Cony

Dos infernários.....	90
Vendi a alma.....	93
Pequeno manual do grande Mamel.....	96
Chorinho para o menino morto.....	99
O amor, outra vez.....	102

QUINZE ANOS

— **P**apai, tem um troço chato pra te contar.

— Levou bomba?
— Não. Ainda faltam alguns exames, acho que vai dar pé pra passar. O troço é outro... muito mais sério...
— Tã precisando de dinheiro? A mesada acabou?
— Não... quer dizer, a mesada já nichou há muito tempo, mas estou me virando por aí. Tenho crédito na praça.
— Ótimo. Você está em melhor situação do que eu. Qual é o caso, então?
— É a Renata.
— Você veio aqui entregar a tua irmã?
— Bem, não leve a coisa pra esse lado, não é entregar, mas acho que devo contar tudo a você.
— Ela vai levar bomba? Está sem dinheiro? Não tem crédito na praça?
— Puxa, papai, você só vê o lado errado das coisas!
— Já sei. Ela quitou o gravador novo, aquele que eu trouxe da Alemanha.

CERTA NOITE, NUM FUSCA

Cristina:
Estou escrevendo agora de noite, pois sei que papai está dormindo, mamãe está dormindo, então todos dormindo e só eu não posso dormir. Quería que você estivesse aqui, para conversarmos, pois aconteceu uma coisa muito importante. Nem sei como começar, pois é difícil pra burro entrar num assunto desses. No fundo, foi bom que você viajasse e ficasse uns dias aí na casa do tio Fernando. O diabo é que tenho de aguentar tudo sozinho e só mesmo escrevendo para você é que consigo desalofar um pouco.
Pois o que lá é o seguinte: peguei papai num flagra desgraçado! Felizmente mamãe não sabe de nada. Pelo menos, se ela sabe de alguma coisa, finge não bem que não dá para perceber. Mas acredito que ela ainda não sabe. De jeito como foi, impossível que até agora nenhuma amiga ou conhecida tenha feito fofoca. O telefone daqui de vez em quando toca e ela atende. Desliga logo, com uma acho que ela nem quer saber de mais nada.
Mas agora eu, pelo menos, sei. Foi dar uma volta com um camarada. Continuo brigada com o Márcio, o

desgraçado me procurou na última semana e depois parou. Soube pela Luisa que ele tinha ido ao Dragstore uma noite dessas, imagina com quem? Com a Eliana, aquela magrela cheia de sardas e de lábio de minota. Também não ia abrir os meus pulso nem tomar veneno só por causa de um sujeito como ele. Muita gente me convidava para sair e eu acabei ligando. O cujo em questão é de São Paulo e conhece o Rio muito pouco. Pediu-me que eu levasse a uma porção de lugares. Bem, terminamos a noite ali no *drive-in* que tem lá em cima do José. A noite estava bonita e o carro do camarada é bacana, tem gravador estéreo com uma porção de bobas, cada fila que vou te contar. Ele tentou aproveitar mas levou um fora logo de cara e acabou ficando comportado. No fundo, a tara dele é mesmo gravador, fitas, coisas assim de som. Depois de passarmos batando e de ele ter feito o possível para avançar o sinal pra cima de mim, acabou abrindo o jogo. Foi lá na mala e trouxe uma valise cheia de fitas. Tinha música ali para dois dias. E assim ficamos, até que a garota perguntou se não iamos tomar nada. Ele pediu — imagine — fanta *trai*! Eu estrei num eita.
Ele precisou fechar os vidros do carro, porque tinha de ligar mil alto-falantes e queria obter um som perfeito. Disse-lhe que ia torrar de calor mas o carro dele tinha ar-condicionado. E tudo estava bem, quando, imagina quem veio ao nosso lado? O fusca do papai! De início, levei um susto que ele duzes, pensando que o velho estava me cercando por aí. Mas olhei melhor e vi que havia uma mulher ao lado dele. E não era mamãe!

— Também não. Você só pensa em coisas sórdidas. Dinheiro, gravador, bomba... não sei como mamãe acha você tão bacana!
— Ela me acha legal? Eu não sabia. Pensava que ela me julgava um bolha, um bolha completa!
— Você está mesmo por fora, não entende mais nada da gente...
— É, talvez você tenha razão. Acho que não compreendo mais vocês...
— Bem, tá começando a esquentar. A coisa é muito séria...
— Tã Descobri! Renata está firmando o seu pretérito...
— Puxa, pai, você é mesmo supoi! Então acha que Renata...
— Eu não acho nada. Estou aqui quieto no meu canto, pensando nos meus problemas que não são poucos e você vem entregar Renata, inimiga que ela faz ou está fazendo qualquer coisa de terrível, de abominável. Eu não tenho saco para ser juiz, ou bancar o policial.
— Você não se interessa mais pelas suas filhas, isso sim. Quando eramos pequeninas, tudo vinha de você, o sol e a chuva, você era o Deus, o mágico que tirava bombons dos lustrés e perdia notas de dinheiro na rua para a gente achar e pensar que estávamos com sorte...
— Esse tempo passou. Não sou mágico, nem Deus muito menos. E se você encontrar algum por aí, seja minha chapa e dívida comigo.
— Bem, pelo que vejo, você não quer saber de mais nada a não ser de dinheiro, colégio, saúde, gravador...

— Escuta aqui, minha filha. Você está é com rememors. Quer e não quer entregar a sua irmã. Se o problema é esse, fique tranquila, pode mandar de assunto, faz de conta que eu não ouvi nada, não sei de nada...
— Mas você não sabe de nada mesmo!
— E se você sabe tudo, por que não dá logo o serviço?
— Pois vou dar, agorinha mesmo. Fui mexer no armário de Renata, precisava de um cinto e ela tem aqueles mundos de cinto. No fundo do armário tinha uma bolsa aberta e no fundo da bolsa... olha aqui, você não vai mesmo bronguear?
— Para ser justo, eu devia bronguear é com você e agora meano. Não devia ir mexer nas coisas de sua irmã. Você também não tem um namorado de cinto?
— Mas eu precisava de um que ela tem, de couro cru, comprado na feira dos hippies...
— Pois compre um igual para você. Eles estão dando sopa por aí, até nos postos de gasolina já estão vendendo artesanato hippie...
— Deixa o cinto pra lá! O negócio é que na bolsa dela tinha um troço.
— Que troço? Um elefante?
— Não brinca, pai, o negócio é sério.
— Uma dentadura?
— Bolá! Pra que ela tá ter uma dentadura na bolsa?
— Sei lá! Você's são capazes de tudo. Vai ver a dentadura entrou na moda, pendurar dentaduras no pescoço, ou usar como bracele...
— Qual é, pai!

de descarga. Sabe o que é: entupimento de carburador. Tenta o arranque diversas vezes, até que a bateria começa a dar o pingo. O jeito era descer de ônibus. Mas imagina as filas, os itinerários complicados, não, enfio o macacão, desmonto esse carburador, aproveito dou umas apertinas na carroceria, regulo a porta de trás! — eram pequeninas coisas que vinha adando há muito.
Mete o macacão e se esfia na garagem. Há muito não fazia aquilo, ficar em casa durante a semana, presenciar as insignificâncias que faziam parte de sua família. O man huro do almoço vai desaparecendo. Aproximase a hora do lanche e ele está acalando o serviço. Talvez aproveite a parte da tarde e dê umas voltas com as crianças e a mulher. O menino estuda a lição de piano, do *living* vem um interminável *Pour Elise*. No canto da garagem, a menina mese nas tintas que sobzaram da última reforma da casa, pinta um velho velocípede, exagerando o vermelho. Sob o carro, ele vê a perna gorducha da filhinha, saindo da calcinha, parece pena de anjo harnoso pintado em teto de igreja colonial.
De repente, um cheiro de fritura vem da cozinha: biscoitos de queijo que a mulher prepara para o seu café. E imagina um lanche gostoso e fútil, preparado pela mulher e repartido com os filhos.
O *Pour Elise* se repete no piano, interminável e medonho. A garota está colorida como um vitral, o velocípede envergado de tanta tinta. O aroma dos biscoitos é água mais forte que o cheiro de fritura e da gasolina. Aperta um último parafuso e de repente se sente inencho e comovido consigo mesmo.

DIA DOS PAIS COM BRUXA DE PANO

A sentença do divórcio estabelecerá: domingo sim, domingo não as filhas ficarão com a mãe. Estão firme numa tabela prévia, mas ninguém previu certas datas. Resultado: Dia dos Pais e a mãe levata as crianças na sexta-feira para visitar o avô, no sibo de Itaipava. Desarrumam a tabela era criar um conflito e um precedente. O juízo foi enfrontar o dia sem as filhas. Talvez não fosse tão amargo assim. Havia a praia, os amigos, em último caso o pifão solitário que se prometia há muito tempo.
For a barba com cuidado. Talvez encontrasse alguém na praia e queria estar bem-apessoado. Mas ao chegar na areia teve nojo das pessoas e de si mesmo. Aquele avô que jogava bolas de soprar pauzou. Em domingos antigos, ele rolava na areia com outros pais igualmente aflitos e harregados, em disputa do balão cor-de-rosa — a filhinha menor exige sempre o cor-de-rosa. No fim, um moleque adventice levava o balão, e ele e os pais alheios se uniam, reconfortados, para equitivar o moleque.
Por sinal que um balão cor-de-rosa ficou dando sopa bem em cima dele. De repente se surpreendeu comido